

ANA LUCIA DA SILVA MATTOS

**AUGUSTE DE SAINT-HILAIRE, UM OLHAR EUROPEU SOBRE O BRASIL DO  
SÉCULO XIX**

Proposta de projeto de pesquisa apresentada à Faculdade de Letras/ UFRJ, visando a participar da Seleção de Doutorado 2017/1, no Programa Interdisciplinar de Linguística Aplicada, com o orientador Luiz Barros Montez, na área de concentração Interação e Discurso, linha de pesquisa Discurso e Transculturalidade.

Rio de Janeiro

2016

## 1. INTRODUÇÃO

A literatura de viagens do século XIX é uma importante fonte para a historiografia brasileira. Textos dos inúmeros viajantes que estiveram aqui naquele século têm sido usados em pesquisas sobre a história do Brasil, com focos e angulações teóricas diversas, como a Botânica, a Geografia, as Artes etc. Entretanto, poucos são os casos em que as narrativas dos viajantes do século XIX são estudadas numa perspectiva discursiva, ou seja, que leva em conta principalmente não apenas os eventos históricos reconstruídos por esta literatura, mas o próprio emprego da linguagem verbal enquanto prática constitutiva desta reconstrução, que determina decisivamente os seus sentidos e ideologias. Neste sentido, exceções têm sido as pesquisas orientadas pelo professor Luiz Barros Montez no âmbito do PIPGLA. Precisamente isso me motivou a procurar a orientação deste professor: tenho como objetivo desenvolver uma pesquisa sobre os relatos de um importante viajante francês da primeira metade do século XIX, Auguste de Saint-Hilaire (1779-1853) analisando-os como produções ideológicas e efetivamente político-institucionais. Em outras palavras, nesta pesquisa pretendo descrever e analisar por quê, como, em que medida, e com quais finalidade os discursos deste viajante se constituem como práticas sociais concretas no contexto político-institucional da época. Para tanto, nunca é demais repetir, parto do princípio de que os discursos nunca são neutros, ou de que desempenham papel irrelevante ou secundário na representação da realidade, mas sim possuem espessura própria, que intervém claramente na produção dos sentidos e dos efeitos sociais almejados por quem os produz.

Sobre o contexto histórico recortado pela pesquisa

Em 1808, a Família Real portuguesa transferiu-se para o Brasil, no contexto da instabilidade política entre Napoleão Bonaparte e os ingleses. Aqui, D. João VI tomou medidas de caráter administrativo em relação ao país que lhe emprestaram uma feição mais moderna, e estimularam avanços institucionais como, por exemplo, a criação de escolas e de academias militares, da tipografia, do Banco do Brasil, do Museu Imperial, do Jardim Botânico, da Biblioteca etc.

Em 1815, após a derrota de Napoleão, o Congresso de Viena reorganizou a Europa, no período conhecido como Restauração. Em 1816, incentivada por D. João VI, veio ao Brasil uma missão extraordinária do Duque de Luxemburgo, cujo objetivo era resolver o conflito

entre Portugal e França quanto à posse da Guiana Francesa, após o período napoleônico. Essa missão, de cunho político, trazia também consigo uma proposta de implantação de um perfil cultural para o país, que foi valorizado pela Corte.

Com o incentivo de D. João VI, e motivados por interesses políticos, econômicos, culturais, etc., inúmeros naturalistas pisaram em solo brasileiro em nome de um fazer científico e “filantrópico”. Avulta, portanto, a importância da definição deste conceito de “filantropia” como mola-mestre na ideologia que atravessa todos os discursos sobre um sem-número de viagens no período.

Os viajantes-naturalistas, não raro financiados pelo Estado, representaram laços úteis no sentido de ligar as colônias e os lugares compreendidos como “exóticos” aos museus e jardins botânicos europeus. A ciência é vista, portanto, como um índice distintivo dos povos em seu estado de civilização, desempenhando importantes funções: torna mais eficaz a administração dos homens e das coisas, satisfaz as necessidades das populações europeias e fortalece material e culturalmente a nação que representam. Neste ínterim, configura-se no pensamento europeu da época uma atitude de amor à humanidade, designada pelo termo “filantropia”. Em língua francesa, “filantropia” era um neologismo do século XVIII que designava uma virtude considerada natural do ser humano: o amor ao próximo. É uma espécie de laicização do sentimento da caridade. A caridade é o amor a Deus, que leva ao ato de fazer o bem aos outros; a filantropia diz respeito à “humanidade”, isto é, ao relacionamento de um ser humano com o outro. Nesse sentido, as ações dos indivíduos em favor da sociedade são consideradas um sentimento natural, pois a felicidade pessoal só pode existir se houver prosperidade social. A filantropia, um valor para a elite europeia do fim do século XVIII e do século XIX, age como uma ideologia que justifica as ambições nacionais e pessoais, já que os interesses particulares eram vistos como coletivos. Esse valor deveria nortear as ações do europeu civilizado.

As práticas científicas se constituíam e efetivavam nos marcos deste “projeto civilizatório”.

Os viajantes europeus que visitavam os países considerados “selvagens” ou “menos civilizados” – caso do Brasil – sentiam-se portadores de uma espécie de “missão”, na qual eram responsáveis pelos outros povos, a quem deviam ajudar e aconselhar. Seus interesses eram os de toda a humanidade. A ciência era o principal instrumento para o exercício da missão do viajante, por permitir conhecer as leis da natureza e, deste modo, auxiliar a vida dos

homens. O botânico especializado e bem formado poderia contribuir tanto para o “bem da humanidade” quanto para o “progresso de sua nação”. Por conhecer a distribuição das plantas sobre o planeta, era capaz de esclarecer a todos sobre a ordem que reinava no universo, tivesse esta origem divina ou não. Os conhecimentos da botânica e da agricultura (botânica aplicada) possibilitavam ao homem alterar a ordem planetária, caso quisesse (CHAUI, 2000). Ele podia inclusive tirar plantas de sua terra natal e naturalizá-las em outro país, bastando, para isto, conhecer o terreno adequado para o seu cultivo, o clima ideal, a melhor exposição à luz, etc. Técnicas de aclimatação foram desenvolvidas para tentar fazer com que plantas pudessem viver em climas bastante diferentes de seu país natal. O botânico também poderia ser útil ao reconhecer em um outro país as propriedades de plantas até então não vistas por ele.

De acordo com a mentalidade da época, o conhecimento universal de um viajante-naturalista poderia revelar mais sobre as plantas de um país que ele desconhecia do que os conhecimentos empíricos de seus próprios habitantes. Sendo assim, a viagem científica é, no Iluminismo tardio, uma atividade que vai além do que qualificamos hoje em dia como “puramente científico”. Ela expressa – e é permanentemente justificada e reproduzida discursivamente – como uma “ação civilizatória”.

É, em suma, no encargo de uma ideologia do progresso e do bem da humanidade que vários naturalistas vêm ao Brasil.

Compreendendo os discursos como prática social (FAIRCLOUGH, 2001 [1992]), questionamos, de início, o caráter científico e filantrópico como dotados de uma neutralidade, como se o amor pela ciência e pela humanidade fossem a única justificativa para as viagens de expedição científica. O Brasil, antes da chegada da família real, era uma terra desconhecida porque não tão explorada (a não ser por Portugal). Embora se constituísse como objeto da curiosidade dos europeus de maneira geral, somente após 1808, com a progressiva abertura dos portos brasileiros “às nações amigas”, as demais nações europeias puderam efetivar viagens de prospecção dos territórios e das populações brasileiras. De fato, chamado de Novo Mundo (RAMIREZ, 1968), o país despertava os mais diversos interesses entre as potências europeias. Assim, as inúmeras viagens científicas em terras brasileiras não podem ser consideradas como simples curiosidade ou amor; eram movidas por questões econômicas, políticas, etc.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Um exemplo de tal interesse foi a viagem de Expedição Científica Austríaca, possibilitada por ocasião do casamento de D. Pedro I com a arquiduquesa Leopoldina da Áustria. Os laços matrimoniais ocorreram para que uma

## Sobre o autor-viajante analisado

Nesse contexto, tomamos como objeto do presente projeto de pesquisa os discursos de um naturalista francês para pensar questões mais aprofundadas sobre os relatos de viagens sobre o Brasil. Saint-Hilaire buscou fazer de sua viagem ao Brasil, realizada entre 1816 e 1822, um modelo no qual os cientistas da Europa considerada civilizada deveriam se basear em seu relacionamento com os demais países. Além disso, o botânico quis atuar como um viajante-naturalista exemplar e, mais tarde, quando de seu retorno à França, fazer uso de suas credenciais científicas, somadas a suas relações familiares na França da Restauração, para garantir uma boa situação. Podemos vincular os escritos de Saint-Hilaire aos discursos e práticas justificados pela “filantropia” e a afirmação paralela de critérios próprios do meio científico para o êxito de sua carreira.

Nascido em Orléans em 1779, filho de família nobre, viveu alguns anos de sua juventude na Alemanha, o que o aproximou da língua e da cultura alemãs. De volta à França, dedicou-se à história natural, inclusive publicando artigos em revistas especializadas. Em 1816, na ocasião de sua vinda para o Brasil, aos trinta e sete anos, possuía considerável conhecimento botânico e já havia escrito sobre a flora francesa, particularmente sobre a anatomia dos frutos. Nessa época, tinha contatos com nomes famosos no meio científico europeu, como Antoine-Laurent de Jussieu, do Museu de história natural de Paris, Karl-Sigismund Kunth, preparador de Humboldt, Joseph-Philippe-François Deleuze, ajudante-naturalista e então futuro bibliotecário do museu, etc., o que mostra como o mesmo estava integrado a este meio (KURY, 2003).

Nesse sentido, e entendendo que o caráter filantrópico e científico não estão separados de uma prática desinteressada, como afirmado acima, o Brasil foi palco de mais uma presença de um naturalista europeu, e novamente foi tema de relatos de viagens. A viagem ao Brasil realizada por Saint-Hilaire possibilitou importantes publicações em que o mesmo descreve não apenas aspectos interessados à ciência da época, mas também narra suas experiências pelo país.

Os relatos dos viajantes que vieram ao Brasil constituem-se como documentos de grande importância para compreendermos o olhar do europeu sobre o Brasil de então, além de elucidar,

---

relação político-econômica entre Brasil e Áustria fosse possível; a viagem ocorreu também por motivos que vão além do amor à ciência (RAMIREZ, 1968; DIAS DE AQUINO, 2016; MONTEZ, 2010, no prelo).

hoje, a compreensão do olhar dos brasileiros sobre si mesmos, se considerarmos o papel da apropriação por nós realizada desde então dos discursos europeus no processo de construção de nossa autoidentidade e de nosso imaginário cultural. José Carlos Barreiro demonstra como a sociedade europeia se constitui como “superior” e, principalmente, como os relatos de viajantes demonstram a presença do imaginário desta sociedade, reinventando, ao mesmo tempo, o imaginário popular europeu sobre o Brasil. Ao tomar categorias interpretativas centrais como trabalho e propriedade, Barreiro considera, entre outros aspectos, que

(...) os viajantes estrangeiros reforçam o caráter ideológico de suas apreciações, associando à ideia de ócio à de trabalho artesanal e assistemático. Assim, reiteram eles que os habitantes nativos, ao contrário dos europeus, caracterizam-se basicamente pelo ócio (...) (BARREIRO, 2002, p. 45).

Sendo esses relatos a principal fonte para a divulgação das informações sobre o Novo Mundo, podemos reiterar o caráter de prática social que tais relatos possuem: os discursos promovidos nas narrativas ratificam ou retificam o que reside no imaginário europeu sobre a nação brasileira.

Miriam Lifschitz Moreira Leite afirma que “as consequências científicas vindas da corte portuguesa para o Brasil (...), bem como a aliança entre a corte brasileira e a austríaca (...), são exemplos evidentes das interferências do jogo político no desenvolvimento das pesquisas” (LEITE, 1997, p. 171).

Dessa maneira, nosso objetivo é investigar, nos relatos deixados por Saint-Hilaire, e a partir de um olhar crítico do discurso, (1) como os discursos de inferiorização<sup>2</sup> a respeito do Brasil foram constituídos, e (2) qual sua repercussão na atualidade.

Levando em conta que fazer pesquisa é também falar à sociedade e, ao mesmo tempo, tentar entender a vida social (re)construindo-a, justificamos nossa inserção no âmbito da Linguística Aplicada, uma vez que um dos objetivos da mesma é falar à vida social contemporânea. Segundo Moita Lopes (2002),

[p]olitizar o ato de pesquisar e pensar alternativas para a vida social são parte intrínseca dos novos modos de teorizar e fazer LA. Assim, a LA necessita da

---

<sup>2</sup> Chamamos discursos de inferiorização aqueles que reforçam a ideia de uma superioridade europeia promovidos tanto pelos europeus sobre os brasileiros quanto pelos próprios brasileiros, quando estes constroem uma identidade cultural.

teorização que considera a centralidade das questões sociopolíticas e da linguagem na constituição da vida social e pessoal (MOITA LOPES, 2006, p. 22).

Assim, buscamos fazer uma pesquisa que dialogue com o mundo contemporâneo, na medida em que temos como intenção refletir não apenas a determinado contexto histórico, mas promover debates acerca do pensamento atual, das práticas discursivas que atravessaram séculos e persistem no imaginário brasileiro ainda nos dias de hoje.

Estudar os discursos que contribuem para um sentimento de inferiorização do povo brasileiro é analisar os motivos pelos quais um grupo humano, seja ele qual for, possa pensar algo assim sobre si mesmo. Considerando que cada sociedade é capaz de contribuir para o bem da humanidade por meio de sua riqueza cultural, nos parece que nenhuma delas tem motivos para se sentir inferior ou superior aos seus pares.

## **2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS**

Em nossa pesquisa, utilizaremos abordagens contemporâneas da Linguística Aplicada no exame dos estudos historiográficos sob uma ótica discursiva, que considera a linguagem não apenas como um instrumento, mas como uma prática social. Nesse sentido, o principal autor sobre o qual nos basearemos para a realização da pesquisa será Norman Fairclough (2001 [1992]; 2003). Fairclough (2001 [1992]) inova a Teoria Social do Discurso ao propor um estudo aprofundado sobre o papel da linguagem não apenas na reprodução das práticas sociais e das ideologias, mas também na transformação social. Nosso trabalho pretende examinar os discursos produzidos pelo viajante naturalista Saint-Hilaire em uma perspectiva da análise do discurso que considera o discurso como aquele que “contribui para a constituição de todas as dimensões da estrutura social que, direta ou indiretamente, o moldam e o restringem: suas próprias normas e convenções, como também relações, identidades e instituições que lhe são subjacentes” (Fairclough, 2001 [1992], p. 91).

Nosso objetivo é entender os relatos de Saint-Hilaire como ação discursiva, em termos das mudanças sociais que eles implicaram. Para tanto, a teoria de Fairclough (2011 [1992]) é um aparato metodológico essencial. O autor considera o discurso como prática social, não apenas de

representação, mas de significação do mundo, e para o qual estabelece uma teoria que considera o mesmo com três dimensões: texto, prática discursiva e prática social.

A análise textual diz respeito às questões de forma e de significado; analisa-se o vocabulário, a gramática, a estrutura textual, e a própria semântica, uma vez que esses elementos também contribuem para a interpretação do discurso. Para Fairclough, porém, essa é apenas uma parte de toda a problemática que envolve o discurso. Há também, como dito acima, outra dimensão muito importante: a prática discursiva, que envolve processos de produção, distribuição e consumo textual. Nesse sentido, precisa-se pensar no contexto em que o discurso foi produzido, uma vez que esse aspecto afeta a interpretação do texto (FAIRCLOUGH, 2001 [1992]). Por fim, o discurso como prática social retoma o conceito de ideologia, tomando o termo por

significações/construções da realidade que são construídas em várias dimensões das formas/sentidos das práticas discursivas e que contribuem para a produção, a reprodução ou a transformação das relações de dominação (FAIRCLOUGH, 2001 [1992], p. 117).

Analisar os relatos de Saint-Hilaire, na tentativa de compreender como o imaginário do próprio brasileiro foi constituído a partir do discurso europeu envolve, portanto, as três dimensões propostas por Fairclough, principalmente a ideológica, visto que não “falamos no vazio” (FARACO, 2009, p. 126) e que os discursos não são neutros e representam a vida social. O naturalista, ao realizar sua viagem, leva consigo toda estrutura de poder, toda instituição de poder europeia. Tratando-se de uma sociedade que se considerava superior<sup>3</sup> e exercia determinado poder sobre o Brasil, ainda que não explicitamente, é primordial entendermos as condições políticas e ideológicas para que se formem tanto o sujeito de conhecimento quanto as relações de poder exercidas também por meio dos discursos. Como afirma Foucault (2015, p. 27), “não há saber neutro”.

Os relatos que buscamos analisar demonstram ideologias tanto por parte de seu autor quanto por parte da sociedade que o rodeia. Isso certamente não poderia ser visualizado na superfície dos textos, uma vez que todos foram escritos por Saint-Hilaire. Mas sob a ótica da LA e considerando toda a discussão levantada aqui, podemos perceber, no não-dito, que os discursos

---

<sup>3</sup> Cf. Pratt, 1992.



promulgados pelo naturalista são discursos que permeiam muito da mentalidade do europeu do século XIX.

Além das questões acerca do discurso, acionamos também as reflexões de Mary-Louise Pratt, que trabalha especialmente com relatos de viagem e faz uma crítica relacionada à produção, circulação e leitura dos mesmos. Para a autora, o olhar dos viajantes representava o olhar do império, o olhar branco europeu, e este estava carregado de valores ideológicos burgueses e eurocentristas. Consideramos que as práticas discursivas contribuem para modificar o conhecimento, as crenças, o senso comum, as relações sociais e as identidades sociais, e os relatos de viagens também são responsáveis pela construção do imaginário francês sobre o povo brasileiro. Nesse sentido, a obra de Mary Louise Pratt (1992) recupera conceitos importantes como neocolonialismo e “zona de contato”.

O neocolonialismo, ao longo do século XIX, dando continuidade ao colonialismo iniciado no século XVI, tem por justificativa ideológica a “missão civilizadora” empreendida pelo europeu para difundir o progresso técnico-científico pelo mundo. Nas terras onde chegavam, haveria uma reciprocidade entre os europeus e as sociedades coloniais, argumento que fundamenta as ideologias liberais e capitalistas. Pratt contextualiza este argumento na análise de texto e aponta para a falácia desta alegada troca que, na realidade, legitimaria a intervenção do europeu nas áreas coloniais, aqui chamadas de *zona de contato*, ou seja, os encontros coloniais, a interação e trocas no interior de relações de poder assimétricas. Invertendo os paradigmas analíticos da análise objetiva, eurocentrada, a autora faz a pergunta fundamental, que norteia a sua abordagem: As construções europeias em relação ao outro subordinado teriam sido moldadas pelos próprios subordinados por meio da construção de si próprios e de seu ambiente tal como eles mesmos os apresentaram aos europeus? O saber produzido pelos naturalistas é fruto da apropriação do saber nativo, segundo a autora, que discute e analisa estas ideias minuciosamente, em seu livro, no qual propõe novos meios de se pensar tais questões, fundamentais para a nossa história. O presente projeto também é uma proposta de contribuição para a análise destes questionamentos relevantes.

Ao mesmo tempo, é imprescindível refletir acerca de questões historiográficas, uma vez que ao estudar os relatos de Saint-Hilaire, não podemos negligenciar o contexto no qual o mesmo estava inserido. Isso implica dizer que não apenas os acontecimentos históricos da época foram importantes para a constituição dos discursos do naturalista, mas também toda a rede de relações

que o mesmo possuía com outros naturalistas, com o meio acadêmico e até mesmo político. Assim, justifica-se o caráter interdisciplinar de nossa pesquisa.

Para fundamentar sua teoria, Mary Louise Pratt faz uso de determinados termos. Um deles é *transculturação*, criado nos anos 40 por Fernando Ortiz, em sua obra *Contrapunteo Cubano Del Tabaco y el Azúcar*, correlacionado ao universo das trocas culturais. O mesmo vocábulo é utilizado por Angel Rama em estudos literários, na década de 70. Com Mary Louise Pratt, seu sentido torna-se mais amplo e diz respeito à constituição de repertórios de símbolos, imagens e discursos por meio dos quais o outro colonial é abordado. É a apropriação, pelos europeus, dos materiais nativos e, paralelamente, a maneira pela qual os colonos se apropriam dos estilos imperiais e constroem modos de representação que, por meio do olhar imperial, formam um universo cognitivo que passa a ser considerado como europeu, originariamente.

Pratt (1992) afirma que as experiências da viagem e da literatura de viagem se apresentavam como espaço privilegiado para a articulação do novo paradigma imperial. Essa literatura, ao possibilitar, pelo deslocamento, que viajantes e seu público refletissem sobre si mesmos, paralelamente abriu espaço para a construção de um discurso oposto, sobre a alteridade e o papel do ocidente no domínio, condução e absorção das sociedades não-ocidentais. A viagem para terras distantes surgia como metáfora da viagem interior, suportando experiências pioneiras de auto-conhecimento e de subjetividade. Por meio da observação, da reflexão e da catalogação de terras estranhas e povos considerados selvagens, a viagem realizava uma apropriação discursiva das áreas coloniais. Daí originou-se uma nova e efetiva configuração de conquista, denominada, pela autora, de “anti-conquista”, em alusão ao caráter aparentemente reflexivo e passivo do viajante naturalista e às características abstratas da apropriação catalogadora empreendida por ele.

A autora analisa os fundamentos da anti-conquista e indica a maneira pela qual esta se legitimava ideologicamente: haveria uma reciprocidade entre os europeus e as sociedades coloniais, argumento que fundamenta as ideologias liberais e capitalistas. Pratt contextualiza este argumento na análise de texto e aponta para a falácia desta alegada troca, que na realidade, legitimaria a intervenção do europeu nas áreas coloniais. A viagem sentimental identifica-se com a fase de tentativa de conquista e seus autores identificam-se com a missão civilizadora que é, na prática, o contrário da reciprocidade. O saber produzido pelos naturalistas é fruto da apropriação do saber nativo (PRATT, 1992).

A pesquisa proposta tem por objetivo analisar o papel do narrador do relato de viagem de Saint-Hilaire, branco, europeu e, tendo por base os estudos teóricos citados, investigar se, a partir da perspectiva dele, houve uma apropriação do saber nativo, como alega Pratt, ou se, em vez disto, existiu uma troca cultural, argumento de Kury (ano), estudiosa do assunto relatos de viagens no Brasil. A pesquisa pretende ser um meio para refletir sobre tais questões fundamentais.

A nível de leitura complementar, para compreender os laços subjacentes ao texto, chamam a atenção os textos de Edward Said, crítico de literatura e renomado historiador contemporâneo. Em seu texto *Cultura e Imperialismo* (1995), ele reconhece o papel crucial desempenhado pelas narrativas na atividade imperial, em especial na França e na Inglaterra, países que têm grande tradição de romances, sem paralelo no mundo. Além disso, ele também ensina a ver de que modo, a partir de determinados romances, pode-se perceber como os pressupostos imperialistas estão presentes na política e na cultura ocidentais. Ele se dedica particularmente a esta fusão de imperialismo e cultura, revelados fortemente pela literatura.

Para ele, a crítica recente tem se concentrado bastante na narrativa de ficção em si, mas pouca atenção tem dado ao seu lugar na história e no mundo durante o apogeu da fase imperial. As narrativas estão no centro daquilo que os exploradores e os romancistas escrevem sobre as regiões do mundo que consideram estranhas; por outro lado, é através delas que povos colonizados buscam afirmar sua identidade e a própria história, como ocorreu nas colônias asiáticas e africanas na época da descolonização, em meados do século XX.

O crítico destaca a justificativa criada pelos imperialistas, que consistiu na necessidade de levar a civilização aos povos considerados inferiores pelos europeus, ao mesmo tempo que reconhece os estreitos vínculos entre política e cultura num sistema de dominação que se estendia à maneira de pensar de dominadores e dominados. Segundo Said (1995), a cultura tem papel crucial no imperialismo, o qual é legitimado pela literatura escrita pelo dominador, que não questiona a ideia colonial em si, porque a supõe como algo natural e inevitável. Não se quer dizer que, para Said, apenas o romance tenha sido importante, mas ele o considera o objeto estético cujas ligações com as sociedades em expansão da Inglaterra e da França são particularmente interessantes como tema de estudo.

### 3. METODOLOGIA

Em Fairclough (2001 [1992]), percebemos que o discurso é tomado como prática social, e que este não apenas representa o mundo, mas o significa. Assim também, em uma análise crítica, não podemos tomar o discurso histórico sem levar em consideração que o mesmo se trata de uma prática discursiva, e que tanto o que se encontra nos documentos quanto a leitura que se faz dos mesmos é interpretativa.

Dentro dessa visão, e justificando mais uma vez a inserção de nosso trabalho nos estudos de Linguística Aplicada, reiteramos o caráter qualitativo de nossa pesquisa, por entender que a vida humana não é algo estático, mas “uma atividade interativa e interpretativa” (LESSA DE OLIVEIRA, 2008). Compreende-se, no plano do conhecimento, que as relações dos seres humanos entre si e o mundo são complexas, fluidas, e que, portanto, é necessário considerar não os números, os fatos em si, mas levar em conta motivações, crenças, valores, ideologias, etc. Por essa razão, os relatos que analisamos não podem ser considerados meros instrumentos de divulgação de acontecimentos, principalmente porque o texto por si só é inacabado, devendo ser investigado no âmbito discursivo.

Em minha dissertação de Mestrado, na área de literaturas em língua francesa, analisei mecanismos escriturais do texto literário do romance *L'Amant* (1984), da escritora francesa Marguerite Duras (1914-1996), tendo por base o entrelaçamento de vários elementos que envolvem problemáticas diversas, tanto textuais quanto contextuais. São eles: sociedade e história no cotidiano da vida, revelado a partir da literatura, cultura e imperialismo, e conceitos intrínsecos ao etnocentrismo. Demonstrei que o texto literário, por mecanismos próprios, faz esse entrelaçamento e que ele pode recriar um universo histórico que, por motivos políticos, deixou de existir, permanecendo, contudo, inalterado na literatura. Ressalto que este universo que permanece no texto literário é criado a partir da perspectiva do narrador.

A escolha do tema da dissertação deveu-se a interesse pessoal pela conexão existente em literatura e ramos do conhecimento que se debruçam sobre a sociedade, como a História, a Etnografia, a Sociologia etc. Pesquisei a ideologia colonial vigente no passado, e concluí que o romance que analisei não é do tipo canônico, porque desfaz a visão tradicional, porém fantasiosa, do empreendimento europeu de civilizar os povos considerados primitivos, noção presente em diversos romances anteriores ao que pesquisei.

Chamou-me particularmente a atenção durante a pesquisa do Mestrado o fato de um personagem chinês, embora muito rico e provedor de facilidades para a família da protagonista, ser por eles humilhado, e não reagir, acomodando-se ao fato de perceber os europeus como “superiores” a si. Transpondo esta realidade para a nossa, do Brasil, há uma tendência, no comportamento social, a perceber o estrangeiro europeu ou americano como “superior” a nós. Percebi uma semelhança entre o comportamento do personagem chinês e o de tantos brasileiros que, por motivos que serão investigados ao longo da pesquisa de Doutorado, terem internalizado um modo negativo de se compreender como povo. No Mestrado, era o olhar europeu sobre o oriental. No Doutorado, o objeto de pesquisa será o olhar europeu sobre o brasileiro e sua cultura - e se houve (como no caso do personagem chinês) - ou não - repercussão desse olhar sobre a nossa atitude em relação a nós mesmos. Deste modo, há uma tentativa de estabelecer um nexo entre as duas pesquisas.

O interesse por relatos de viagens deve-se ao fato de achá-los relevantes, em seu dinamismo próprio e em sua descrição atenta das realidades observadas. Este tipo de texto me desperta a imaginação ao abrir perspectivas de outros “mundos” que se descortinam sob o olhar atento do narrador, elemento central de minha pesquisa de Mestrado. As relações sociais e a cultura são relatadas a partir do observador, que passa a ser narrador, aquele que informa o que vê - e como o vê. A escolha deve-se também ao interesse em focar um tipo de texto diferente do romance. Relatos de viagens, pelo dinamismo citado, surgem como uma opção interessante.

O viajante-naturalista Auguste de Saint-Hilaire, apesar do nome famoso, é praticamente um desconhecido não somente no Brasil, como também na França atual. Sua vida e obra, pouco estudadas, fazem dele um personagem praticamente esquecido. Em sua época, no entanto, era alguém prestigiado por ter ocupado posições importantes no meio científico parisiense e francês (KURY, 2003).

A escolha de tal viajante-naturalista deve-se a algumas razões: primeiramente, pretendo manter uma continuidade com a pesquisa de Mestrado. Ele, falante de língua francesa, idioma em que foi escrito o romance de minha dissertação, destacou-se como um importante pesquisador em sua época. Embora estudioso de Botânica, deixou escritos tanto sobre a sua área de atuação quanto sobre a sociedade brasileira. Assim se expressa Jussieu, membro do Museu de História Natural de Paris, a este respeito:

Uma estada de seis anos no Brasil, uma grande extensão de terreno percorrida, em diversos sentidos e sob diversos climas, numerosas coleções em animais, vegetais e minerais, descrições exatas feitas nos próprios lugares, observações gerais sobre os climas, os lugares, os costumes dos habitantes, as produções naturais de cada localidade, a natureza dos terrenos e o tipo de cultura apropriada a cada um; tais são os resultados da viagem do Sr. de Saint-Hilaire (JUSSIEU, 1823, p. 3).

Este projeto também pretende fazer um entrelaçamento da tríade literatura, imperialismo e cultura, tendo por base os relatos de viagens presentes em sua obra *Voyages dans les provinces de Rio de Janeiro et de Minas Gerais* (1830). À semelhança da dissertação, o ponto de vista analisado será o do narrador, desta feita, do viajante-naturalista Auguste de Saint-Hilaire.

Saint-Hilaire publicou várias obras contendo relatos sobre suas viagens ao Brasil. Nosso objetivo é ler esses relatos e investigar (1) como são circulados os discursos de inferiorização do brasileiro, para (2) relacioná-los a um discurso atual, no sentido de compreender o quanto dessa inferiorização persiste até os dias de hoje. Buscamos entender se e como tais discursos contribuíram para a construção do imaginário brasileiro.

Para Merleau-Ponty (1976), não há palavra ou gesto humano sem significação. Consideramos, em nosso trabalho, essa visão e a complementamos com a reflexão de que os indivíduos falam sempre de uma posição social, e que seus discursos produzem sentido na sociedade. Nossa pesquisa é de natureza interpretativa e qualitativa, uma vez que nesse tipo de pesquisa o principal interesse debruça sobre o comportamento dos indivíduos (aqui compreendidos também seus discursos) ligados a sua ação social, a suas práticas.

Nosso projeto está relacionado ao projeto de pesquisa intitulado “Construções discursivas do Brasil nos relatos de viajantes e imigrantes europeus entre 1700 e 1900”. Este projeto é conduzido pelo Professor Doutor Luiz Barros Montez, e está inserido no núcleo de estudos LIEDH (Linguagem e Discursos da História). Ao estudar os relatos dos viajantes no Brasil, busca-se compreender pelo viés da Linguística Aplicada as práticas discursivas e sociais que enredavam tais relatos e as práticas dos viajantes.

#### 4. CRONOGRAMA

No quadro abaixo mostramos a proposta de pesquisa de maneira mais detalhada, dividida em semestres:

Ano de início: 2017/1

Ano de conclusão: 2020/2

Atividades	Semestres							
	2017/1	2017/2	2018/1	2018/2	2019/1	2019/2	2020/1	2020/2
Cursar disciplinas	X	x						
Produção de artigos	X	x	x	x	X	x	x	x
Escolha das obras de maior relevância para a pesquisa	X	x						
Leitura dos livros de Saint-Hilaire	X	x	x	x	X			
Leitura de obras relacionadas à pesquisa	X	x	x	x	X	x	x	x
Análise das referências coletadas				x	X	x	x	
Conclusões						x	x	

Redação da tese						X	X	X
-----------------	--	--	--	--	--	---	---	---

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por esta pesquisa, pretende-se analisar a importância dos relatos de viagens de Auguste de Saint-Hilaire, viajante-naturalista francês do século XIX, para a cultura brasileira e, por extensão, para a europeia. Tais narrativas, citadas em livros com certa frequência, são, contudo, pouco estudadas numa perspectiva discursiva, isto é, que leve em conta, para além de aspectos historiográficos mais imediatos de uma época, as práticas que fazem parte de um contexto social. Em geral, os relatos são compreendidos como um olhar “de fora”, mas é importante verificar minuciosamente de que olhar fala-se, na realidade. A escolha do naturalista-viajante Saint-Hilaire deve-se à relevância de seus escritos, úteis para a compreensão de nossa fauna, flora e cultura, tendo sido ele alguém reconhecidamente importante em seu tempo.

Os relatos dos viajantes que vieram ao Brasil são documentos de grande importância para compreendermos o olhar do europeu sobre o país de então. Além disto, contribuem para elucidar, hoje, a visão dos brasileiros sobre si mesmos, se considerarmos o papel da apropriação, feita por nosso povo, dos discursos europeus no processo de construção de nossa autoidentidade e de nosso imaginário cultural.

A princípio, questionamos o caráter científico e filantrópico dos relatos de viagens como dotados de uma neutralidade, na qual o amor pela ciência e pela humanidade os justificariam. Para Merlau-Ponty (1976), não existe palavra ou gesto humano sem significação. Esta visão é considerada, em nosso trabalho, e a complementamos com a reflexão de que os indivíduos falam sob o prisma de uma posição social - e que seus discursos produzem sentido na sociedade. Nossa pesquisa é de natureza interpretativa e qualitativa, levando em consideração o comportamento dos indivíduos em seus discursos ligados a sua ação social, isto é, a suas práticas.

Tendo por base os aportes teóricos supracitados, esta pesquisa pretende contribuir com as discussões acerca do discurso como prática social. Para tal, este estudo fará uso de pesquisas



advindas de outras áreas do saber, como a História, a Geografia, a Antropologia, a Botânica etc., justificando, deste modo, o caráter interdisciplinar de nossa pesquisa em Linguística Aplicada.

Por fim, reconhecemos que a Linguística Aplicada, ao dialogar com as demais ciências, poderá, simultaneamente, receber contribuições e contribuir com as mesmas, sob mais uma ótica. Com certeza, as discussões acerca do discurso como prática social não se esgotam, contudo, pretendemos colaborar com mais uma perspectiva diante das pesquisas já existentes.

## 6. REFERÊNCIAS INICIAIS

ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos do Estado*. Rio de Janeiro: Graal, 1992.

BARREIRO, José Carlos. *Imaginário e viajantes no Brasil do século XIX: cultura e cotidiano, tradição e resistência*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

CHAUÍ, Marilena. *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática, 2000.

DIAS DE AQUINO, Fernanda Silva. *Ciência, colecionismo e poder à luz dos documentos de Johann Natterer*. 2016. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ, 2016.

FAIRCLOUGH, Norman. *Analysing discourse: textual analysis for social research*. London: Routledge, 2003.

\_\_\_\_\_. *Discurso e mudança social*. Brasília, UNB, 2001 [1992].

FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

\_\_\_\_\_. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

JUSSIEU, A. L. de. *Rapport sur le voyage de M. Auguste de Saint-Hilaire dans le Brésil et les missions du Paraguay*, Paris, J. Smith, 1823, p. 3.

KURY, Lorelai. *Auguste de Saint-Hilaire: viajante exemplar*. Revista Intelléctus, São Paulo, ano 2, n. 01. Revista Eletrônica. São Paulo, 2003.

LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. *Livros de viagem (1803-1900)*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

LESSA DE OLIVEIRA, Cristiano. Um apanhado teórico-conceitual sobre a pesquisa qualitativa: tipos, técnicas e características. *Travessias, Local*, Vol. 2, nº 3, pág inicial e final, mês e 2008. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/3122>>. Acesso em: 20 de abril de 2014.

MERLEAU-PONTY, M. *Phénoménologie de la perception*. Paris: Gallimard, 1976.

MOITA LOPES, L. P. (orgs.) *Por uma lingüística aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006.

MONTEZ, Luiz Barros. Johann Natterer e a situação singular de seu legado textual: propostas para uma análise crítica e ideológica de seus discursos acerca do homem brasileiro. *[Anais do] 3º Congresso Nacional de Letras, Artes & Cultura*. São João del Rei (MG), 23 a 27 de agosto de 2010.

\_\_\_\_\_ Relatos de viagens como objetos de reflexão historiográfica e da prática tradutória. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, p. 277-298, out. 2014. ISSN 2175-7968. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2014v3nespp277>>. Acesso em: 27 out. 2016. doi:<http://dx.doi.org/10.5007/2175-7968.2014v3nespp277>.

PRATT, Mary Louise. *Imperial Eyes. Travel Writing and Transculturation*. London, New York, Routledge, 1992.

RAMIREZ, Ezekiel Stanley. *As relações entre a Áustria e o Brasil - 1815-1889*. Coleção Brasileira, Volume 337. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1968.

RICOEUR, Paul. *Interpretação e ideologias*. Tradução de Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1977.

SAID, Edward W. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo, Companhia das Letras, 1995. Tradução de Denise Bottman.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Voyages dans les provinces de Rio de Janeiro et de Minas Gerais*. Paris, Grimbert et Dorez, 1830.